

Conversa de Paola Poma com Álvaro Magalhães

... se puder contar um pouquinho como conheceu o Pina e o que te impactou neste encontro, acho que seria interessante!

Conheci o Pina no final dos anos 70, no Porto, no Café Piolho, onde se juntava então grande parte da tribo literária da cidade, incluindo alguns, como eu, que só iriam publicar os primeiros livros no início dos anos 80. E o Pina, que era mais velho 8 anos, já tinha publicado os seus dois primeiros livros de poesia. «Mal nos conhecemos /inauguramos a palavra «amigo», como se diz num poema de Alexandre O’Neil. E tivemos sempre uma relação muito próxima, que só cessaria com a morte dele em 2012.

Logo ali, nesses primeiros contactos, fiquei viciado em Pina, pois era extremamente agradável o convívio e a partilha do que quer que fosse com ele, dada a sua afabilidade, inteligência, humildade, sentido de humor. Essas qualidades e outras tantas idiossincrasias, tornavam-no singular. Todos somos parecidos uns com os outros, mas o Pina era único e só se parecia com ele próprio. E essa característica também se aplica à sua criação literária, que sempre escapou gloriosamente a qualquer tentativa de categorização, classificação, arrumação ou enquadramento. Aliás, ele sempre foi avesso a grupos, correntes, movimentos literários e outras aglomerações. Era um navegador solitário.

Sendo Pina um navegador solitário, podemos dizer que esta solidão é um dos temas presentes na sua poesia?

A poesia dele não tem temas, nem é redutível a emoções, sentimentos ou vivências («os sentimentos sentem-se, a poesia não tem nada que ver com

isso», dizia), não é sobre nada, não reflete realidades, ideias ou quaisquer circunstâncias pessoais, ela produz efeitos de real, cria a sua própria realidade. Por outras palavras: não descreve a vida, cria vida. É, pois uma poesia que existe autonomamente em si enquanto forma, que emerge das palavras, que é feita e desfeita da sua volúvel matéria, ou seja, linguagem pura, música (e silêncio) das palavras e do sentido. Ele tinha, aliás, uma grande relutância em fazer poemas «sobre», a qual vinha da infância, quando se recusou a fazer um poema sobre a morte do avô, como pretendia a mãe: «Não faço versos “sobre”. Não gosto de poesia “sobre”, tenho mesmo muita dificuldade em fazer “poesia sobre”. Mesmo as datas e locais que aparecem em alguns poemas não correspondem a nenhuma realidade e também não são para serem tomados à letra. Na verdade, disse ele, «não têm nada que ver com a data física em que os poemas foram escritos. Nem com os locais. Fazem parte do poema, digamos que são ilusão, e essa ilusão só eu é que a percebo. É também literatura».

Poderia explicar a escolha do verso “Para quê tudo isto?” como título da biografia ?

Quanto ao título, sempre foi evidente para mim que, sendo a dúvida e a indagação a substância activada da sua poesia, o título da sua biografia teria de ser uma pergunta. Para ele, tudo era questionável, e tudo era dúvida, incerteza. «As minhas certezas são as minhas dúvidas», dizia. Entretinha-se mesmo a empurrar certezas e conceitos estabilizados para zonas de dúvida e incerteza. E a sua poesia também está cheia de interrogações, muitas delas tão desarmantes como as que fazem as crianças: “Sem que palavras alguma coisa é real?”. Nessa poesia, a uma pergunta responde-se com outra pergunta. E até afirmações vêm por vezes acompanhadas do seu contrário. Acresce que esse «Para quê tudo isto, para quê tudo isto?», colhido num poema de Carl Sandburg, também era uma expressão habitual dele, funcionando simultaneamente como indagação do sentido da vida e manifestação da desnecessidade de tudo. Também usou a expressão em crónicas e no título do posfácio à primeira edição da sua poesia

reunida, Algo Parecido com isto, da Mesma Substância, onde fala, precisamente da “desnecessidade da sua poesia, que - diz ele – é constituída por inseguras vozes, breves aparições de algo à beira de alguma coisa».

Será que essa "indagação de sentido da vida e a manifestação da desnecessidade de tudo" (p.47) tem relação com a sua infância nômade em que "estava sempre a fazer amigos e a perdê-los" (p.25), um mundo afetivo até a adolescência sempre instável?

Dessa sua infância e adolescência nómada e instável, em que mudava de terra, por causa da profissão do pai, o que o remetia para a reconstrução permanente dos seus mundos afectivos, resultou a falta de vontade de viajar («Eu gosto muito mais de estar do que de viajar», dizia ele), apesar de ter uma profissão (jornalista) que o obrigava a isso. Porém, ansiava sempre pelo momento do regresso, que era a parte melhor da viagem. Dizia: «A minha vida, na infância e juventude, foi uma permanente, uma eterna partida. É natural que tivesse a melancolia do regresso.»

Outra consequência terá sido a valorização da amizade. Os primeiros amigos duradouros que teve foram os que conheceu quando chegou ao Porto, já ele tinha 18 anos. Lamentava-se de não ter amigos mais antigos, da infância. Na biografia defendi a ideia de que essa chegada tardia à amizade determinou o modo caloroso e apaixonado como se entregava a essas relações. A amizade, que ele considerava «a mais alta forma de amor», era para ele um alimento precioso, quase um culto, uma religião. Quando recebeu o Prémio Camões, em 2011, perguntaram-lhe a quem é que ele o dedicava. Ele respondeu: «Dedico-o aos meus amigos. Porque a amizade, nestes tempos em que tudo se desmorona, e a família, que é uma forma muito particular de amizade, ainda são das poucas coisas que vão sobrevivendo. Por isso, dedico o prémio aos meus amigos. E eles são quase todos aqui do Porto.»

Como foi o processo de escrita do livro já que você foi amigo do Pina, diferentemente de grande parte das biografias em que biografado, muitas vezes, é objeto de estudo? Como foi lidar com esta proximidade?

Fiz tudo o que uma biografia exige e, por isso, entrevistei muitas pessoas que o conheceram e, de modos diferentes, interagiram com ele. Porém, o meu primeiro interlocutor foi a memória. Não vim de longe para me aproximar de uma vida e a investigar a partir de documentos e testemunhos, de um certo modo sempre estive a par dessa vida e é desse ponto de vista que falo, a partir de uma interioridade. Porém, no início, não sabia bem o que fazer com essa proximidade e esse conhecimento directo. Talvez por estar habituado a ler tantas biografias onde isso não existe. Normalmente, os biógrafos chegam aos biografados através de outros, por mediação. A certa altura, porém, apercebi-me de que isso era, por um lado, um instrumento de precisão, que dava à narrativa uma musculatura de verdade. E, por outro lado, um laço para captar a adesão sentimental do leitor. E então tratei de transformar esse conhecimento directo, essa proximidade, em algo produtivo. Finalmente, devo dizer que, sendo o meu biografado uma pessoa tão especial, a sua biografia só podia ser feita com os mecanismos secretos e delicados da amizade.

Ao mesmo tempo que Pina considera a amizade “a mais alta forma de amor”, lendo a biografia, fica evidente a fratura, diante de um projeto utópico, entre o poeta (que o mantém) e certos amigos que optaram por ser “empresários de poucos escrúpulos e posses” e “políticos ‘burgueses’, quando não arrivistas”.(184). Essa crítica, que aparece também em algumas crônicas - “Uma forma de resistência”, “Sobre a fidelidade” e “O dia em que a poesia desceu à rua” – é reflexo de uma adolescência e juventude vividas sob o regime salazarista que amputou o sonho de muitos jovens? Ou de uma luta diária para se alcançar a liberdade?

Custava-lhe ver a falta de coerência de companheiros revolucionários que, como ele, lutaram contra o regime de Salazar e, mais tarde, se tornaram naquilo contra que lutaram, traíndo, não apenas os princípios e ideais que defenderam, mas, principalmente, traíndo aqueles que, um dia, foram. Numa dessas crônicas, Pina, dirigindo-se a eles, perguntava: «O que é que pensariam das pessoas que são hoje as pessoas que vocês eram quando tinham 20 anos?» E numa outra, escreveu: «Olhando agora alguns deles ninguém diria que tiveram um dia 20 anos. Mas tiveram. Eu vi. Eu estava lá. Cantei com eles as mesmas canções, jurei com eles pelas mesmas palavras desmesuradas, acreditei com eles nas mesmas coisas essenciais. Que aconteceu para que alguns de nós tivessem desertado tão facilmente e por um preço tão baixo, transformando-se naquilo contra o qual lutaram aos 20 anos e falando agora cinicamente de si mesmos como se falassem de estranhos?»

Você afirma que a literatura infantil portuguesa é devedora de Manuel António Pina já que ele abriu “a tal porta que não havia” e que “passou a existir, permaneceu aberta, e outros escritores a utilizaram.”(176). Este caminho de abertura, ou seja, “de prazer” através da literatura infantil, parece se juntar ao desejo dele de trabalhar com publicidade. É hilariante o guião que ele cria para a campanha dos sapatos Ecco:

“Um peregrino caminhava a pé para Fátima, com sapatos Ecco, evidentemente. Sem sinais de esforço, ia ultrapassando grupos de peregrinos cansados, que caminhavam penosamente. Até que, numa curva do caminho, deparava com a imagem de Nossa Senhora de Fátima, no cimo de uma azinheira. Ela abanava o dedo indicador para a esquerda e para a direita, e depois, apontava para os pés do homem, enquanto assim dizia: “Assim não vale. Com sapatos Ecco não é sacrifício.”(328)

Penso que, nestes dois casos, prazer e humor dão necessariamente as mãos. São armas para desmontar a ordem estabelecida nos meios literários e religiosos? São criações “ditas menores” que comprovam a transgressão e potência da linguagem quando nas mãos de um poeta?

As palavras, todas as palavras, adoravam-no – e voavam, deslumbradas, para ele. O poeta foi, naturalmente, o maior beneficiado por essa intimidade e por essa coincidência. A palavra poética seria um instrumento permanente da relação dele com o mundo e consigo mesmo. Porém, não seria só o poeta a beneficiar dela, mas também o autor de literatura infantil, o jornalista, o cronista, o guionista, o advogado e o publicitário. Até no serviço militar o esperava uma nova especialidade que explorava as possibilidades da linguagem, a «ação psicológica». Disse ele, um dia: «Tive uma sorte enorme, toda a minha vida, profissionalmente, acabei por trabalhar com palavras, com uma coisa de que gostava. Tive essa sorte.» De um modo ou de outro, as palavras estariam sempre no centro da sua vida, a qual seria uma vida de palavras (com que palavras e sem que palavras?), uma existência como se fosse um livro, literatura: citação, glosa, repetição, alusão, memória. Tal como Borges, ele poderia dizer: «Encontrei alegria em muitas coisas – nadar, escrever, contemplar um nascer ou um pôr do Sol, apaixonar-me, etc., mas de certo modo o facto central da minha vida tem sido a existência de palavras e a possibilidade de as tecer em poesia.» Graças a essa intimidade com as palavras podia fazer com elas o que quisesse. E, sim, era capaz de o fazer com uma ironia subtil e um humor desconcertante. Esse humor era uma arma demolidora, nas crónicas, por exemplo, mas pode ser encontrado com abundância em tudo o que fazia, até na literatura infantil e na poesia. E, claro, também na publicidade. Pina tinha uma natureza bem-humorada e muita graça a contar histórias. Aliás, os amigos pediam-lhe, por vezes, para contar histórias que já conheciam, exultando na repetição, como as crianças, pois a graça estava no contar dele, não na história em si. Era o Pina cheio de graça.

É possível dizer que Pina faz uma distinção hierárquica entre a poesia e os outros gêneros já que não aceita fazer poesia “sobre”, mas aceita “ilus-

trar os desenhos de Paula Rego” a pedido do Museu de Arte Contemporânea, assim como criar a história O Cavalinho de Pau do Menino Jesus que “resultou da resposta a um convite do jornal Expresso”(414) para acompanhar as edições de Natal?

Ele não fazia distinção entre a sua poesia e a sua literatura infantil. Os dois géneros eram, para ele, dois rios paralelos e que comunicavam de muitos modos. Aliás, as duas categorias (ou seriam uma só?) caminhariam sempre a par ao longo da sua vida literária, como se precisassem de se amparar mutuamente para poderem avançar. Na verdade, tinham a mesma natureza, apenas encontravam modos diferentes de expressão. Pina esclareceu assim a questão, numa das suas entrevistas: «A vocação da minha literatura “para” crianças não é diferente da minha “outra” literatura. A literatura é palavras e a minha relação com as palavras é exatamente a mesma num caso e noutro. Uma coisa e outra são, acho eu, nomes da mesma escrita, ou antes, da mesma relação com a escrita.”

No caso das histórias (sobre o Natal ou sobre desenhos já existentes, como refere), havia apenas um constrangimento (a aproximação ao tema proposto) e ele até dizia que um bom constrangimento estimulava a imaginação. Mas, neste caso, as palavras seguiam a imaginação, havia uma submissão da linguagem ao tema. No caso da poesia, a dele, naturalmente, o processo era diferente. Essa poesia nascia das próprias palavras, dizia apenas o que essas palavras queriam dizer. Ou seja, ele «escrevia para dizer o que não sabia que tinha a dizer», para usar uma expressão do próprio Pina. A sua poesia não partia de uma realidade para chegar à palavra, criava, com e na palavra poética, a realidade. Como ele escreveu num poema em que tenta explicar porque não fazia poemas sobre os seus gatos, como tanto lhe pediam: um tema não chega para um poema nem sequer para um poema sobre; porque é o poema o tema, forma apenas. Para explicar isto, ele costumava sacar do episódio entre o pintor Degas e o poeta Mallarmé, que estava de visita ao ateliê do amigo: «Oh, caro Mallarmé, tenho ideias fantásticas para poemas», disse Degas. «Se tivesse o seu talento...» E

Mallarmé respondeu-lhe: «Meu caro Degas, a poesia não se escreve com ideias, escreve-se com palavras.»

Pina te qualificou como “um bom leitor” (...) “que reconhece logo as situações que ainda não são bem resolvidas” (375). Poderia nos dizer como se constrói um bom leitor, em especial um bom leitor de poesia?

Gostaria muito de o poder dizer, mas não faço a menor ideia. Também não sei como se constrói um bom poeta. Só sei que ser um bom leitor não é muito diferente de ser um bom poeta. Quero dizer que não é uma coisa se aprenda ou ensine. Como diria Puff, o ursinho criado por A.A. Milne, que era um herói para Pina, «ou se tem ou não se tem». Talvez eu tenha esse dom, se o Pina o reconheceu, e se o tenho, foi certamente apurado pelo facto de ter sido editor de poesia nos anos 80 do século passado e ter editado dois livros do Pina, Nenhum Sítio e A lâmpada do quarto, a criança? e de alguns dos mais notáveis portugueses, também revelando novos poetas, que são hoje autores consagrados. Falo de António Franco Alexandre, António Osório, Helder Moura Pereira, Adília Lopes, Al Berto, Pedro Tamen, etc. Lia muitos originais e tinha de tomar decisões editoriais: sacrificar, eleger. Suponho que isso desenvolveu as minhas capacidades leitoras. Tal como escrever ensina a escrever, ler também ensina a ler.

A morte (do autor, do cão, da mãe, da linguagem, do ser) é um dos grandes temas da poesia de Pina. Em algum momento, nos últimos anos de vida em que sua saúde já estava debilitada, ele demonstrou medo, revolta diante da sua proximidade ou foi realmente “um caminhar para casa” (454)?

Em março de 2010, Pina foi confrontado com a falência renal e passou fazer a diálise peritoneal uma vez por dia, em casa; e não era a única doença que o afectava. Essa realidade deu-lhe, pela primeira vez, um horizonte de mortali-

dade. A morte já não estava algures, num qualquer futuro difuso, à espera. Sentava-se a seu lado, dava-lhe a mão, falava-lhe ao ouvido com a sua própria voz. Quando foi internado no Hospital de Santo António, no Porto, antes da morte, em 2012, viveu momentos de grande agitação e ansiedade. Porém, nos últimos dias de vida suplantara já a angústia, o medo, e mergulhara numa serena conformação. Chegávamos à enfermaria e víamos que ele estava muito tranquilo, de braço dado com Fátima, a mulher, ambos em silêncio, para que as palavras – que “depõem contra o coração” – não maculassem aqueles momentos preciosos. Pareceu-me que essa serenidade era mais inconsciência, devido à progressão galopante da doença, nessa fase terminal. Por vezes, olhava-nos e o seu olhar atravessava-nos, como se procurasse algo que se encontrava para além de nós e daquele real visível, os olhos dissolvendo-se em lugares mais lúcidos e distantes. Era o olhar de quem já está para lá de toda a consciência. O que era também um modo de aproximação ao fim. E onde algo acaba, já se sabe, algo começa, pois não existe princípio e fim, apenas esse movimento circular e perpétuo que tudo (con)funde. Como ele mesmo disse, “a morte também é uma mãe, é maternal, é um sossego. Tem essa coisa de acolhimento, de serenidade, de tranquilidade. De regresso”. De regresso a casa, evidentemente.

Você finaliza a biografia com a seguinte estrofe (455):

**A morte não te pertence já,
É assunto nosso, desprovido e inerte.
Que faremos nós com o teu inúmero corpo,
Como te diremos o que está a acontecer-te?**

O que está acontecendo com Manuel António Pina após dez anos da sua morte?

Essa estrofe pertence a um poema do seu livro «Cuidados Intensivos», um dos que ele mais prezava, publicado em 1994. Foi escrito depois da morte de um amigo e, na verdade, aplica-se a qualquer morte, incluindo a dele. Quanto à pergunta, dez anos após a sua morte, constata-se que a sua obra é cada vez mais lida e suscita cada vez mais interesse, oferecendo-se como um amplo e enigmático continente ainda por descobrir e explorar.

Multiplicaram-se os estudos académicos e ensaios sobre a sua obra, também no Brasil, onde essa obra vem suscitando cada vez mais interesse, sobretudo junto de uma elite de académicos, intelectuais e outros criadores. E, por outro lado, essa obra continua a angariar leitores e a suscitar todo o tipo de aproximações e adesões. Borges dizia que lhe bastava ser recordado por um único verso e Pina também fez um pedido idêntico: “Fazei com que alguma coisa permaneça / Um verso, um poema”. Porém, não é um verso, um poema de Pina que permanece, é toda uma obra que se mostra capaz de desafiar uma das mais fatais leis da vida: o esquecimento. E isto aplica-se principalmente à sua poesia, que ergue uma autêntica liturgia da complexidade, capaz de gerar múltiplas e intermináveis visões e estudos diferentes. Porém, a soma de todas essas aproximações não chega para abarcar o seu âmbito ou sequer definir os seus limites. A sua poesia tem uma zona de enigma que escapava ao próprio autor (lembra-se?, ele precisava de não compreender o poema, de ser excedido por ele, para o poder validar) e que, apesar de todos os esforços de análise e clarificação, continua obscurecida, indecifrável. Podemos sacar da desenvoltura especulativa, como imprudentemente aconteceu nalguns passos da biografia que escrevi, mas só conseguimos resultados parciais, insuficientes. Quanto mais avançamos nessa zona de complexidade e enigma, mais desconhecimento encontramos e mais sabemos que não sabemos. A poesia de Manuel António Pina é uma portentosa máquina de criar desconhecimento. E, como disse Clarice Lispector, “entender é sempre limitado. Mas não entender pode não ter fronteiras”.